

O Mantra

O que os poetas védicos consideravam *Mantra*, era uma visão inspirada e revelada, um pensamento-visão, inseparável da realização (para empregar esse termo moderno, pesado mas necessário) de uma verdade profunda de Deus e do self, do homem e da Natureza, do cosmos e da vida, das coisas e do pensamento, da experiência e da ação. Era um pensamento que vinha nas asas de um grande ritmo de alma, *chhandas*. Pois a visão e a audição não podiam ser dissociadas: era um só ato. [...] O Mantra nasce pelo coração, e é modelado ou condensado pela mente pensante que faz dele o chariot dessa divindade do Eterno, cuja verdade vista é uma forma ou uma face. E se a palavra é realmente um *Mantra*, estas três coisas devem estar igualmente presentes na mente daquele que se tornou capaz de ouvir as palavras do poeta-vidente. [...] E os antigos poetas do Veda e dos Upanishads podiam afirmar que proferiam o Mantra, porque era sempre essa verdade íntima e quase oculta das coisas que eles se esforçavam em ver, ouvir e pronunciar, e porque tinham a convicção de utilizar e de descobrir os ritmos inerentes à sua alma e sua linguagem sacrificial projetada para o alto pelo divino Agni, o Fogo sagrado no coração humano. Em outras palavras, o Mantra é uma palavra rítmica direta, a mais alta possível, a mais intensa, a mais divinamente rica, que dá corpo à inspiração intuitiva e reveladora e “dá alma” à mente pela visão e pela presença do próprio self, realidade mais profunda das coisas, e pela sua verdade e pelas divinas formas de alma que ela reveste: as Divindades que nascem da Verdade viva. Ou ainda, dizemos que o Mantra é a linguagem rítmica suprema que se apodera de tudo o que é finito e faz penetrar em cada coisa a luz e o canto de seu próprio infinito.

Sri Aurobindo (*The Future Poetry*, p. 217\8)

Os Upanishads

Os Upanishads são, ao mesmo tempo, Escrituras religiosas penetrantes (porque são um registro das experiências espirituais mais profundas) e documentos de uma filosofia reveladora e intuitiva, com uma luz, um poder, uma grandeza inexauríveis; quer sejam escritos em versos, quer em prosa cadenciada, eles são sempre poemas espirituais de uma inspiração absoluta, infalível, em que as palavras são sempre justas, o ritmo e a expressão sempre maravilhosos [...] Aqui, a mente intuitiva e a experiência psicológica íntima dos videntes védicos unem-se na culminação suprema, em que o Espírito, como é dito em um verso do *Katha Upanishad*, des-vela seu próprio corpo, revela a própria palavra de sua expressão e descobre para a mente a vibração de ritmos que, repetindo-se ao ouvido espiritual, parece edificar a alma e estabelecê-la, satisfeita e completa, nas alturas do autoconhecimento.

Sri Aurobindo (*The Renaissance in India*, p. 329\30)

Se o Veda nos deu os primeiros tipos e as primeiras imagens do ser humano, da Natureza e de Deus e dos poderes do universo como foram vistos e formulados por

uma intuição espiritual e simbolizados em imagens a partir de uma experiência psicológica e ióguica, os Upanishads romperam as formas, as imagens e os símbolos védicos, sem abandoná-los de todo e revelaram, em um tipo de poesia único, as verdades últimas e insuperáveis do self, de Deus, do ser humano e do mundo e de seus princípios e poderes em seus aspectos mais essenciais, profundos e íntimos e em sua realidade mais vasta.

[...] Se o Veda é o primeiro, e ainda existente, registro de Ioga do mundo, os Upanishads são a primeira interpretação e elucidação ióguicas e o primeiro desenvolvimento ióguico do Ioga dos Vedas. Nos Upanishads, a mente intuitiva e as experiências psicológicas íntimas dos videntes védicos passam a uma culminação suprema, em que o Espírito, como é formulado em uma frase do *Katha Upanishad*, des-cobre seu próprio corpo, revela a própria palavra de sua autoexpressão. Os Upanishads são considerados a obra suprema da mente indiana, um imenso fluir de revelação, inspiração e intuição espirituais, de um caráter direto e profundo.

O segredo do Ioga védico torna-se cada vez mais manifesto nos Upanishads, e se o Ioga desenvolveu-se mais massivamente na Índia do que em outros lugares, é porque os Rishis dos Upanishads fizeram um novo esforço, não por meio do pensamento intelectual ou filosófico mas pela renovação dos métodos védicos de Ioga, e estes não apenas confirmaram, por uma verificação metódica, as verdades do Ioga védico, mas se tornaram Vedanta, um livro de culminação do conhecimento védico em um grau superior aos Vedas. O conhecimento dos Upanishads é *jñana*, não o mero pensar e considerar pela inteligência, mas aquele conhecimento que vê as verdades com a alma e com uma vivência total, com o poder do ser interior, em uma assimilação espiritual por uma espécie de identificação com o objeto do conhecimento. Foi por um conhecimento integral do self, por viver nele e alcançar o conhecimento por identidade, que os sábios védicos confirmaram e expressaram mais uma vez as verdades de um Ser transcendente ou Existência, Brahman; e eles nos deixaram, com os Upanishads, um novo registro de seu ioga e declararam que o self em nós é um com o self universal de todas as coisas no universo e que esse self é o Brahman transcendental.

Principais Upanishads

O número dos Upanishads cresceu durante um longo período de tempo, e há livros que contêm 250 Upanishads, mas o número dos principais é limitado a 12. Estes Upanishads são também os mais valiosos, visto que refletem acuradamente o Ioga dos Vedas. Eles são: *Brihadaranyaka Upanishad*, *Chhandogya Upanishad*, *Taittiriya Upanishad*, *Aitareya Upanishad*, *Kausitaki Upanishad*, *Kena Upanishad*, *Katha Upanishad*, *Isha Upanishad*, *Mundaka Upanishad*, *Prasna Upanishad*, *Mandukya Upanishad* e *Svetasvatara Upanishad*.

O tema comum a todos esses Upanishads é *brahma-vidya*, o mais alto objetivo do conhecimento iugico, isto é, Brahman. Mas cada Upanishad aborda esse tema a partir de um ângulo particular e entra no reino de *brahma-vidya* por seus próprios portões, segue sua própria via ou uma variante, e dirige-se a seu próprio ponto de chegada.

O *Isha Upanishad* discorre sobre todo o problema do mundo, da vida, dos trabalhos e do destino humano em suas relações com a verdade suprema do Brahman. É curto, e possui apenas 18 estrofes [...] A unidade de todas as existências é sua nota dominante, seu objetivo é o mesmo de todos os principais Upanishads; esse objetivo é a conquista do estado de Imortalidade, mas esse Upanishad é mais específico sobre as relações do divino Brahman, que tudo governa e tudo possui, com o mundo e com a consciência humana; discorre também especificamente sobre os meios de sair de nosso presente estado de self separado, de ignorância e de sofrimento e entrar na unidade, na verdade, no conhecimento verdadeiro, integral, e na beatitude divina. Esse Upanishad se conclui com a aspiração à felicidade suprema.

O *Kena Upanishad* também discorre sobre o estado de Imortalidade, sobre a Ignorância e o Conhecimento, sobre as relações entre a consciência divina e a consciência humana e a consciência do mundo. Porém, em contraste com o *Isha*, o *Kena* focaliza em um problema mais restrito: a relação entre a consciência mental e a consciência do Brahman. A pergunta que ele faz é: O que são os instrumentos mentais? O que é essa vida mental que utiliza os instrumentos mentais dos sentidos, da fala e outros? Seria a mente a testemunha última, o poder supremo e final? E a resposta é: existe uma existência maior por trás [...] Assim como a Matéria não conhece a Mente mas a Mente conhece a Matéria, do mesmo modo a Mente não conhece Isto que está por trás dela, mas Isto conhece a Mente. O problema e objetivo supremos do ser mental é: como elevar-se além da mente e de seus instrumentos e como alcançar o Brahman.

O objetivo do *Katha Upanishad* é o conhecimento da Imortalidade e a fruição da Imortalidade, mas focaliza no complexo psicológico do ser humano e na causa da morte, e não apenas naquilo que acontece após a morte, mas na inteira complexidade de tudo que é imortal e que é necessário conhecer para que a Imortalidade seja realizada. Nos diz que a realidade suprema, que é imortal, tem seu assento na caverna mais profunda do coração como o Purusha, não maior do que o polegar de um homem [...] Este imortal, o Self supremo, é também Aditi, a imperecível mãe dos deuses. Por fim, este self supremo é o Um Eterno e o transiente, a consciência Una em numerosos seres conscientes, e o buscador que é calmo e forte o vê em seu ser como em um espelho, e dele é a paz eterna em uma felicidade suprema, que ninguém pode assinalar nem definir.

O *Mundaka Upanishad* faz a distinção entre o conhecimento inferior e o conhecimento superior, e ressalta a questão de como seria possível mergulhar no conhecimento superior. Nesse contexto, os conteúdos do conhecimento superior são explicados: o Supremo torna-se conhecido como a realidade que é imutável e, contudo, é o gerador de numerosos devires. Este Supremo está não apenas além da vida e da mente, mas também além do imutável. Este Upanishad enfatiza a importância das verdades para que o conhecimento integral seja alcançado

O *Mandukya Upanishad* é extremamente breve, e consiste de 12 estrofes, mas é extremamente importante devido às suas distinções precisas entre os diferentes níveis de consciência e os objetivos correspondentes a esses estados de consciência. Os quatro

estados que ele descreve são o estado desperto, o estado de sonho, o estado de sono e o estado que é o mais alto: o estado de percepção do Self em sua existência única, em Quem todos os fenômenos se dissolvem, Aquele que é calmo, que é o Bem, que é o Um e de Quem não há segundo, que é o Self e que é o objeto do conhecimento.

O *Taittiriya Upanishad* entra em *brahma-vidya* pela descrição do processo de ensino e aprendizagem, e mediante uma explanação do processo de meditação e tapasya pela qual o Self supremo se torna conhecido, sucessivamente como Matéria, Vida, Mente, Supramente e Beatitude, que é consciente e autoexistente [...] Este Upanishad define o Brahman como a Verdade, o Conhecimento, o Infinito (*satyam, jnanam, anantam*), e define o resultado do conhecimento do Brahman no segredo, no íntimo do ser, no éter supremo, como a fruição de todas as aspirações pela alma do indivíduo ao alcançar sua existência superior.

O *Chhandogya Upanishad* estuda\revela o meio justo e perfeito de dedicar-se ao Brahman; o espírito, os métodos, as fórmulas são dadas. Seu tema é o Brahman simbolizado no AUM, a sílaba sagrada dos Vedas. Seu objetivo é oferecer o conhecimento não apenas do puro estado da existência universal, mas dessa existência em todas as suas partes, no mundo de vigília e no self de sonho e no self do sono, no manifestado e no semi-manifestado, e oculto, *bhur loka, bhuvar, svar* – o justo significa conquistar todos eles, fruir de todos eles, transcender todos eles.

The *Brihadaranyaka Upanishad* é o mais profundo dos Upanishads; ele é sutil e extraordinariamente rico em raras sugestões filosóficas e delicada psicologia; suas ideias são formuladas em uma linguagem altamente figurativa e simbólica, que para nós é um véu que obscurece. A primeira parte é uma descrição do Cavalo do *ashvamedha*, e isso dá a chave para o Upanishad. O sacrifício-do-Cavalo, *ashvamedha*, é o símbolo de um grande avanço espiritual, um movimento evolutivo, que começa com o domínio de, aparentemente, forças materiais para alcançar uma liberdade espiritual superior. Este não é um cavalo comum, ele é o Cavalo dos Mundos, representa a Força de Vida universal, que deve ser oferecida, entregue como um sacrifício ao mais alto nível em que a imortalidade pode ser alcançada. [...] Este Upanishad contém também descrições sobre o modo como as discussões eram mantidas nas assembleias dos buscadores do conhecimento e dos iogues no período dos Upanishads: esses debates não se baseavam em argumentos mentais mas suas perguntas e respostas correspondiam a uma troca do conhecimento ióguico alcançado pelos diferentes participantes a partir da experiência de diferentes níveis de consciência e de realização.

(Kireet Joshi, *Synthesis of Yoga in the Upanishads*)